

NARRATIVAS SURDAS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SURDAS

SANTOS, Taiane Santos¹; KLEIN, Madalena²

¹ Aluna do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/ FaE/ /UFPEl
E-mail tajanessantos@ibest.com.br

² Professora orientadora - Deptº de Fundamentos da Educação, PPGE/ FaE/ /UFPEl
E-mail kleinmada@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento resultados parciais de uma pesquisa que está em andamento, na qual o estudo é direcionado aos surdos de Pelotas e aos movimentos surdos. Meu tema de pesquisa centra-se nos espaços das experiências e na constituição de identidades surdas. Meu problema de pesquisa está em como os surdos de Pelotas vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda. Assim, o objetivo geral dessa pesquisa está em analisar narrativas surdas sobre experiências na comunidade e cultura surda, bem como a constituição desses sujeitos. Os objetivos específicos se encontram na análise das narrativas de surdos pelotenses imersos na cultura surda; em identificar como acontece a constituição de uma identidade surda e também em conhecer os espaços nos quais acontecem as experiências que formam essa identidade.

A pesquisa está inscrita no campo dos Estudos Surdos¹, com embasamento em autores que centralizam a cultura e as identidades surdas. Esse estudo busca contribuir para que possamos compreender como os processos de transformações sociais e políticas vêm mudando a história do povo surdo. Portanto, a pesquisa tem a intenção de dirigir o olhar para experiências surdas e através de narrativas mostrar as marcas que ficaram nesses sujeitos e assim os constituíram.

2. METODOLOGIA

Este trabalho tem embasamento em uma pesquisa qualitativa com abordagem nas narrativas de surdos da cidade de Pelotas – RS. Como foi mencionado anteriormente tem o intuito de analisar narrativas surdas sobre experiências na comunidade e cultura surda, bem como a constituição do ser surdo. O referencial teórico é articulado no campo dos Estudos Culturais, por não haver engessamento teórico, ou seja, não há um modelo pronto de mundo, uma metanarrativa a nos guiar (Veiga-Neto, 2000), o que temos são acontecimentos históricos ligados as possibilidades oferecidas pelas condições históricas de cada época. A pesquisa utiliza o método narrativo, pois nele há a participação direta do entrevistado: ele é o protagonista central, logo, a opção por esse método está na possibilidade do reconhecimento dos sujeitos da pesquisa como atores e autores de suas histórias. O que somos depende da historia que contamos a nosso

¹ Estudos Surdos – “Um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções lingüísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com os conhecimentos e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos” (SKLIAR, 1998, p.29).

respeito (LARROSA, 1994). Valorizando assim, a experiência subjetiva e singular do sujeito que produz sua história. Nas palavras de Delory-Momberger (2008, p.37):

É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; e é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.

Os discursos que conjugam a pesquisa partem das narrativas de seis surdos engajados nas causas surdas, sendo que dois deles são considerados pioneiros nas lutas surdas de Pelotas, dois outros participantes da comunidade surda e com vida acadêmica consolidada e os dois últimos, também participantes da comunidade surda, mas sem uma vida acadêmica consolidada. Levando em conta o lugar dessas narrativas é visível que o grupo terá propriedade é poder para narrar a si e a seu povo.

A metodologia conta com entrevistas semi-estruturadas, as quais são divididas em três encontros: no primeiro, apresentação de fotos e recortes de jornal que representam as lutas surdas, o encontro surdo-surdo e movimentos surdos significantes em Pelotas. Foi definido para esse encontro três entrevistados para cada momento, sendo solicitado que cada participante narre individualmente o seu sentimento ao relembrar e refletir sobre as imagens mostradas. Através dessas narrativas sinalizadas posso fazer conexões entre suas histórias e as marcas culturais do povo surdo.

Dando sequencia à pesquisa, para o segundo encontro pedirei para que os entrevistados tragam fotos, objetos ou lembranças que tenham significado para eles, que caracterizem a história dos surdos. Novamente me encontrarei com três sujeitos em cada momento, os quais contribuirão ao narrar suas histórias de vida dentro de um grupo imerso na cultura surda. O intuito é que possam relatar o porquê dessa escolha, enriquecendo assim suas narrativas. No último encontro contarei com a presença dos seis surdos, para que compartilhem suas narrativas, assim será possível analisar os comentários num coletivo. Em um grande grupo, um pode complementar o outro e poderemos perceber marcas semelhantes que representam os surdos e também individuais que dizem respeito a identidade de cada sujeito.

Essas narrativas possibilitarão conhecermos as histórias desses surdos de Pelotas, o caminho percorrido e ao mesmo tempo possibilitará um novo olhar por entre as coisas vividas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresento algumas discussões, que tenho até o momento, em relação à constituição das identidades surdas nos contextos dos movimentos surdos.

A comunidade surda é uma minoria que luta para ser reconhecida como um grupo cultural formado por sujeitos que compartilham uma identidade cultural diferenciada, e luta para desconstruir discursos que os identificam como deficientes auditivos. Os surdos vistos nessa perspectiva mostram que conseguiram romper com discursos hegemônicos que os representavam somente pelo lado da medicina, intensificando a falta de audição e a busca contínua da normalização. Hoje está sendo possível a eles criarem uma nova possibilidade de

se narrar como sujeitos que confrontam uma história que os silenciaram para atender questões da normalidade.

Os surdos têm uma cultura surda muito forte e essa é constituída através de construções simbólicas que permitem ao indivíduo adquirir identidades próprias inseridas em práticas significativas. A cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, sua forma de organização, de linguagem, de valor, etc. É a cultura surda que significa as causas surdas, a luta pelo direito de ser diferente. Logo, é responsável pela construção da história dos surdos. Canclini (2007, p.41) nos ajuda a entender quando discute o conceito de cultura:

Pode-se afirmar que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.

É nas marcas culturais que identificamos os surdos como um povo pertencente a uma cultura surda. Através das marcas culturais o surdo construiu e constrói seu mundo e as suas “verdades” pautados na cultura surda e no partilhar da comunidade surda².

A Língua de Sinais é uma das marcas mais visíveis que diferencia a comunidade surda, ela manifesta a sua diferença linguística. No Brasil a língua de sinais recebeu o nome de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Graças as lutas surdas a Libras foi reconhecida como língua oficial desde 2002. Essa oficialização trouxe impactos significativos na vida social e política do povo surdo, os quais refletem, principalmente, na formação de instrutores e intérpretes de Libras.

O contato surdo-surdo forma um grupo cultural que compartilha tradições e histórias comuns como piadas, poesia surda e histórias surdas construídas na vivência com a comunidade. Esse contato acontece com mais frequência nas associações de surdos e na escola. Os surdos precisam estar juntos uns com os outros para estabelecer uma relação linguística e cultural necessária. O encontro surdo-surdo oportuniza uma identidade de povo, onde as possibilidades de construção de políticas surdas são mais fortes e pertinentes a comunidade surda.

A história dos surdos é contada a partir das resistências e é através delas que é representado um povo surdo que está recuperando sua cultura e lutando na construção de sua história. Através de criação de associações e principalmente dos movimentos surdos esse povo começou a se narrar como diferente, longe de ser incapaz ou deficiente, mas sim, imerso em uma cultura surda que representa suas diferenças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa está em andamento, dessa forma novos debates podem ser instalados. Porém já é perceptível que o povo surdo ao conseguir se unir começou a exigir o direito de ter sua cultura respeitada, com isso surgiram grandes retornos como: a oficialização de sua língua, intérpretes em instituições

² Comunidade surda - [...] um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para alcançá-los (PADDEN e HUMPHRIES, 2000, p. 5).

públicas, direito a educação superior, obrigatoriedade de Libras nos cursos de Licenciatura e Pedagogia, etc. Todos esses avanços já possibilitaram a formação de muitos graduados, mestres e doutores surdos. Foram conquistas que só aconteceram pela força das lutas e da união, ou como argumento em outra pesquisa (SANTOS, 2010, p.6)

Essa parcela da população tem se desenvolvido historicamente e significativamente, pois há uma articulação entre cultura e liderança que possibilitou informações e conhecimentos a todas as comunidades surdas que se identificam culturalmente. Isso tem proporcionado ao surdo acesso a educação e ascensão social, além de poder mostrar sua capacidade de fazer coisas de forma autônoma, sem dependência.

No Brasil, a organização dos surdos em associações estabeleceu uma trajetória que veio a potencializar as atuais lutas dos movimentos surdos. Lutas essas pelo direito de possuírem uma cultura diferenciada da maioria, de ter o direito de ser diferente. Nas lutas contínuas, nos avanços e também nos recuos, conseguiram a mudança de entendimento da surdez, a qual começa a ser vista como diferença cultural e não mais como deficiência.

Logo, é visível que para acontecer uma ruptura na história é preciso ter obstinação e resistência. Esses surdos que querem ser visto como agente da história, são os surdos que participam de movimentos e de lutas surdas, que cansaram de ficar silenciados, estão indo em busca da sua própria história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo: Paulus/EDUFRN, 2008.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e a Educação. In SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação – Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- PADDEN, Carol; HUMPHRIES, T. *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- SANTOS, Taiane S. dos. *A influência de líderes surdos na vida de surdos da Associação dos Surdos de Pelotas*. Monografia de especialização (Educação). Pelotas: UFPel, 2009.
- SKLIAR, Carlos. *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p.37-69.